

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO NO SÍTIO SANTA CRUZ, SOBRAL, CEARÁ, BRASIL – DADOS PRELIMINARES (1)

Francisca Maiara Batista Gomes¹; Izaíra Vasconcelos Nepomuceno²; Francisco Álvaro Almeida Nepomuceno³; Maria Gracielle Rodrigues Maciel⁴; Elnatan Bezerra de Souza⁵

1,2,4,5Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; 3Universidade Federal de Pernambuco
maiarabatista95@yahoo.com

Introdução

Abrangendo hoje aproximadamente uma área de 27.194 km², que equivale cerca de 2,21% do território original, a Mata Atlântica do Nordeste brasileiro inclui formações pioneiras, porções de floresta ombrófila densa e aberta, floresta estacional semidecidual e decidual (TABARELLI et al. 2006). Desse total, 1,26% está no estado do Ceará onde é encontrada principalmente nas serras úmidas, as quais são resultantes da condição climática em função da altitude e do relevo, que proporcionam depósito de massa de ar úmido nos maciços e planaltos voltados para a direção do vento (SALES et al., 1998 apud SANTOS et al., 2014, p. 3292).

O maciço da Meruoca caracteriza-se como um brejo de altitude, que são locais onde as condições de umidade favorecem a formação e permanência original de florestas, que antagonizam com os sertões secos (OLIVEIRA; MOREIRA, 2014). Desse modo, essas florestas cercadas pela vegetação de Caatinga se tornam áreas de elevada biodiversidade.

Contudo, o maciço da Meruoca vem sofrendo processos ambientais que comprometem tanto a vegetação quanto os solos, estes ocorrem principalmente devido ao desmatamento e manejo inadequado da vegetação. Diante dessas considerações objetivou-se realizar o levantamento florístico em uma área de floresta semidecidual no maciço da Meruoca, Sobral, Ceará, e contribuir para o conhecimento da flora local, além de subsidiar futuros trabalhos florísticos.

Materiais e Métodos

Área de estudo

O Sítio Santa Cruz, localiza-se no município de Sobral, distante cerca de 20 km do da sede do município. O local caracteriza-se por apresentar solos do tipo Podzólico Vermelho Amarelo Eutrófico e Distrófico e como vegetação predominante a Floresta Subcaducifólia Pluvial Tropical (Floresta Seca). A altitude do local varia de 700 a 900 m e apresenta geologia composta por rochas cristalinas que datam do Pré-Cambriano.

Metodologia

As coletas foram realizadas do período de julho de 2015 a julho de 2016. As plantas foram coletadas em estágio reprodutivo, tomando-se três amostras de cada espécie. Dados sobre aspectos ecológicos e morfológicos foram anotados no campo.

Para a identificação das espécies, foram utilizadas literaturas literaturas (SOUZA; LORENZI, 2012. ALVES et al., 2009. FRANÇA et al., 2014. e outros) e sites especializados, além de comparação de espécimes de herbário e posteriormente incorporadas ao acervo do Herbário Professor Francisco José de Abreu Matos (HUVA). Os nomes científicos das espécies seguem BGF (2015).

Os dados referentes ao endemismo das espécies estão de acordo com a Lista de Espécies da Flora do Brasil. O hábito das espécies foi obtido a partir de informações de campo e informações contidas nas fichas das exsiccatas.

Resultados e Discussão

Foram identificadas 75 espécies distribuídas em 63 gêneros e 25 famílias de angiospermas (Tabela 1). Das famílias que apresentaram maior representatividade em número de espécies destacam-se: Fabaceae (11), Asteraceae (sete) e Acanthaceae (seis), seguidas de Convolvulaceae, Malvaceae, Rubiaceae e Solanaceae, com cinco espécies cada, e Apocynaceae, com quatro. Apresentando um menor número de espécies estão: Boraginaceae, Malpighiaceae, Salicaceae, Turneraceae e Vitaceae, com duas espécies cada; Apiaceae, Cucurbitaceae, Lamiaceae, Loasaceae, Loranthaceae, Maranthaceae, Phytolacaceae, Plumbaginaceae, Oxalidaceae e Verbenaceae com uma espécie cada.

Referente ao hábito, houve predomínio de arbustos (25 spp.), seguido de ervas (18 spp.), trepadeiras (15 spp.), subarbustos (12 spp.), árvores (quatro spp.) e parasita (uma sp.). Do total de espécies registradas, 18 são endêmicas para o Brasil, das quais, cinco são endêmicas da região nordeste (*Anisacanthus trilobus* Lindau, *Chresta pacourinoides* (Mart. ex DC.) Siniscalchi & Loeuille, *Chamaechrista duckeana* (P.Bezerra & Afr. Fern.) H. S. Irwin & Barneby, *Capsicum parvifolium* Sendtn. e *Turnera bahiensis* var. *truncata* Arbo) e uma é endêmica do Ceará (*Byttneria fernandesii* Cristóbal); 56 não são endêmicas e uma (*Jatropha molissima* (Pohl) Baill.) apresentou endemismo desconhecido. (Tabela 1)

Os gêneros *Ipomoea* L. e *Senna* Mill apresentaram maior riqueza de espécies, com cinco e três espécies, respectivamente. *Ruellia* L., *Borreria* G. Mey., *Solanum* L., *Turnera* L. e *Cissus* L. apresentaram duas espécies cada. Os demais gêneros apresentaram uma espécie cada.

Santos et al. (2014) em um levantamento florístico realizado no Sítio Santo Inácio, Meruoca, Ceará, mostraram também a dominância da família Fabaceae e Asteraceae para o local. Em um outro trabalho, Silva e Figueiredo (2013) registraram a riqueza florística de Fabaceae para a o maciço da Meruoca. Ao realizar um levantamento florístico das angiospermas de um remanescente de Floresta Atlântica estacional na microbacia hidrográfica do rio Timbó, João Pessoa, Paraíba, Amazonas e Barbosa (2011) verificaram a predominância da família para o local. Por outro lado, ao realizar um levantamento florístico e fitossociológico de mata seca semidecídua em área de reserva legal do município de Diorama, região oeste de Goiás, Brasil, Santos-Diniz e Sousa (2011) registraram a família Malvaceae como a terceira família mais representativa, diferentemente do presente trabalho, onde Acanthaceae aparece nessa posição.

Tabela 1: Listagem, endemismo e hábito das espécies de uma área de Floresta Seca, Sítio Santa Cruz, Sobral, Ceará

FAMÍLIA Espécies	Hábito	Endemismo	Voucher
ACANTHACEAE			
<i>Anisacanthus trilobus</i> Lindau	Subarbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 3788
<i>Dicliptera mucronifolia</i> Nees	Subarbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 4326

<i>Elytraria imbricata</i> (Vahl) Pers.	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3700
<i>Justicia glaziovii</i> Lindau	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3675
<i>Ruellia bahiensis</i> (Ness) Morong	Subarbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 4324
<i>Ruellia paniculata</i> L.	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 4332
APIACEAE			
<i>Spananthe paniculata</i> Jacq.	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3663
APOCYNACEAE			
<i>Matelea nigra</i> (Decne) Morillo & Fontella	Trepadeira	endêmica do Brasil	E.B.S. 3694
<i>Marsdenia altissima</i> (Jacq.) Dugand	Trepadeira	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3802
<i>Tabernaemontana catharinensis</i> A. DC.	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3774
<i>Rauvolfia ligustrina</i> Willd.	Subarbusto	não é endêmica no Brasil	E.B.S. 3801
ASTERACEAE			
<i>Baccharis trinervis</i> Pers.	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3656
<i>Brickellia diffusa</i> (Vahl) A. Gray	Subarbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3652
<i>Cosmos caudatus</i> Kunth	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3702
<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3706
<i>Chresta pacourinoides</i> (Mart. ex DC.) Siniscalchi & Loeuille	Erva	endêmica do Brasil	E.B.S. 3671
<i>Trixis antimenorrhoea</i> (Schränk) Kuntze	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3654
<i>Vernonanthura brasiliiana</i> (L.) H. Rob.	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3666
BORAGINACEAE			
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Esteud.	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3698
<i>Myriopus rubicundus</i> (Salzm. ex DC.) Luebert	Arbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 3781
<i>Varronia globosa</i> Jacq.	Arbusto	não é endêmica no Brasil	E.B.S. 3783
CONVOLVULACEAE			
<i>Ipomoea incarnata</i> (Vahl) Choisy	trepadeira	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3701
<i>Ipomoea nil</i> (L.) Roth	trepadeira	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3944
<i>Ipomoea parasitica</i> (Kunth) G. Don	trepadeira	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3662
<i>Ipomoea triloba</i> L.	trepadeira	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3673
<i>Ipomoea sericophylla</i> Meisn.	Trepadeira	não é endêmica no Brasil	E.B.S. 3947
CUCURBITACEAE			
<i>Psiguria ternata</i> (M. Roem.) C. Jeffrey	trepadeira	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3792
EUPHORBIACEAE			
<i>Daleachampia scandens</i> L.	trepadeira	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3926
<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Arbusto	desconhecido	E.B.S. 3797
FABACEAE			
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Árbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3946
<i>Chamaechrista duckeana</i> (P.Bezerra & Afr. Fern.) H. S. Irwin & Barneby	Subarbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 3941
<i>Cratylia argenteae</i> (Desv.) Kuntze	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 4325
<i>Crotalaria incana</i> L.	Subarbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3693
<i>Chloroleucon dumosum</i> (Benth.) G. P. Lewis	Árvore	endêmica do Brasil	E.B.S. 3780
<i>Mimosa invisa</i> Mart. ex Colla	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 4322
<i>Piptadenia viridiflora</i> (Kunth) Benth.	Árvore	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 4329
<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose	Árvore	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3930
<i>Senna macranthera</i> H. S. Irwin & Barneby	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3692
<i>Senna pilifera</i> (Vogel) H. S. Irwin & Barneby	Subarbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3697
<i>Senna splendida</i> (Vogel) H.S.Irwin & Barneby	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3679
LAMIACEAE			
<i>Marsypianthes montana</i> Benth.	Erva	endêmica do Brasil	E.B.S. 3939
LOASACEAE			
<i>Mentzelia aspera</i> L.	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3920
LORANTHACEAE			
<i>Struthanthus syringifolius</i> (Mart.) Mart.	parasita	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3785
MALPYGHIACEAE			
<i>Amorimia rigida</i> (A.Juss.) W. R. Anderson	Arbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 3672
<i>Peixotoa jussieuana</i> A. Juss.	Trepadeira	endêmica do Brasil	E.B.S. 3719
MALVACEAE			
<i>Byttneria fernandesii</i> Cristóbal	Arbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 3942
<i>Corchorus hirtus</i> L.	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3929
<i>Helicteres heptandra</i> L.B.Sm.	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3791
<i>Malvastrum coromandelianum</i> Garcke	Subarbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3699
<i>Triumfetta semitriloba</i> Jacq.	Arbusto	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 4328
MARANTACEAE			

<i>Maranta leuconeura</i> E. Morren PHYTOLACCACEAE	Erva	endêmica do Brasil	E.B.S. 3787
<i>Petiveria alliacea</i> L PLUMBAGINACEAE	Subarbusto	endêmica do Brasil	E.B.S. 3799
<i>Plumbago scandens</i> L. OXALIDACEAE	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3686
<i>Oxalis triangularis</i> A. St. – Hil RUBIACEAE	Erva	não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3786
<i>Borreria latifolia</i> (Aubl.) K. Schum. <i>Borreria spinosa</i> Cham. et Schltldl. <i>Genipa americana</i> L. <i>Mitracarpus strigosus</i> (Thunb.) P.L.R. Moraes, De Smedt & Hjertson	Erva Erva Árvore Erva	não é endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil não é endêmica no Brasil	E.B.S. 3667 E.B.S. 3936 E.B.S. 3798 E.B.S. 3659
<i>Spermacoce confusa</i> Rendle SALICACEAE	Erva	endêmica do Brasil	E.B.S. 3935
<i>Xylosma ciliatifolia</i> (Clos) Eichler <i>Prockia crucis</i> P. Browne ex L. SAPINDACEAE	Arbusto Arbusto	não é endêmica no Brasil não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3784 E.B.S. 3782
<i>Cardiospermum corindum</i> L. <i>Serjania glabrata</i> Kunth <i>Paullinia elegans</i> Cambess. SOLANACEAE	trepadeira trepadeira trepadeira	não é endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3687 E.B.S. 3682 E.B.S. 3776
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don <i>Capsicum parvifolium</i> Sendtn. <i>Nicandra physalodes</i> (L.) Gaertn. <i>Solanum rhytidoandrum</i> Sendtn. <i>Solanum paniculatum</i> L. TURNERACEAE	Arbusto Subarbusto Arbusto Arbusto Arbusto	não é endêmica do Brasil endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil não é endêmica no Brasil	E.B.S. 3925 E.B.S. 3793 E.B.S. 4341 E.B.S. 3696 E.B.S. 3778
<i>Turnera bahiensis</i> var. <i>truncata</i> Arbo <i>Turnera subulata</i> Sm. VERBENACEAE	Subarbusto Erva	endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3779 E.B.S. 3705
<i>Lantana camara</i> L. <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson VITACEAE	Arbusto Arbusto	não é endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3940 E.B.S. 3651
<i>Cissus albida</i> Cambess. <i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C. E. Jarvis	trepadeira trepadeira	endêmica do Brasil não é endêmica do Brasil	E.B.S. 3790 E.B.S. 3938

Conclusão

O presente estudo, através dos dados obtidos, evidenciou a diversidade de Fabaceae para o Sítio Santa Cruz como a mais representativa, correspondendo cerca de 14,67% do total de espécies registradas, seguida de Asteraceae com 9,30% e Acanthaceae 8%. Dentre as espécies, 24% foram registradas como endêmicas do Brasil. Em relação ao hábito, houve predominância de arbustos representando 33.33% das espécies.

Referências

ALVES, Marccus et al. **Flora de Mirandiba**. Recife: Associação Plantas do Nordeste, 2009.

AMAZONAS, Nino Tavares; Barbosa, Maria Regina de V. Levantamento florístico das angiospermas em um remanescente de floresta atlântica estacional na microbacia hidrográfica do rio timbó, João pessoa, Paraíba. **Revista Nordestina de Biologia**, v. 20, n. 2, p. 67-78, nov. 2015.

BGF. Growing knowledge: an overview of Seed Plant diversity in Brazil: The Brazil Flora Group. **Rodriguésia**, v. 66, n. 4, p. 2015.

CASTRO, João Wagner de Alencar. Geologia. In: IPLANCE: **Atlas do Ceará**. Fortaleza, 1997. p. 12-13.

FIGUEIREDO, Maria Angélica. (A Cobertura vegetal do Ceará (Unidades Fitoecológicas). In: IPLANCE: **Atlas do Ceará**. Fortaleza, 1997. p. 28-29.

FRANÇA, Flávio et al. **Flora de Inselbergues no Semiárido da Bahia**: Região de Milagres e Adjacências. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2014.

LEITE, Francisco de Assis Bezerra; MARQUES, José Nilton. Solos. In: IPLANCE: **Atlas do Ceará**. Fortaleza, 1997. p. 16-17.

OLIVEIRA, Rachel Facundo Vasconcelos de; MOREIRA, Juliana Alves. Um breve estudo sobre a serra da Meruoca e as suas potencialidades no semiárido cearense. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Vitória, Espírito Santo.

PIGOZZO, Camila Magalhães et al. Comparação florística entre um fragmento de Mata Atlântica e ambientes associados (restinga e manguezal) na cidade de Salvador, Bahia. **Candombá** – Revista Virtual, v. 3, n. 2, p. 138–148, jul. – dez. 2007

REFLORA. Lista de espécies da flora do Brasil. Disponível em:
<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ConsultaPublicaUC.do#CondicaoTaxonCP>> . Acesso em: 02.Out. 2016.

SANTOS et al. Flora fanerogâmica do sítio Santo Inácio, Meruoca-Ce. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.10, n.18; p. 3292, jul. 2014.

SANTOS-DINIZ, Vania Sardinha dos; SOUSA, Tatiane Duarte de. Levantamento florístico e fitossociológico de mata seca semidecídua em área de reserva leal do município de Diorama, região oeste de Goiás, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.7, n.12; mai. 2011

SILVA, Maria Érica Azevedo; FIGUEIREDO, Marlene Feliciano. Flora fanerogâmica de um enclave úmido no Ceará: Serra da Meruoca. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.9, n.17; p. 2813, dez. 2013

SOUZA, Vinícius Castro; LORENZI, Harri. **Botânica Sistemática**: Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III. 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2012.

TABARELLI, Marcelo; MELO, Maria de.V.C.; LIRA, Osvaldo C de. 2006. A Mata Atlântica do nordeste. 2006. A Mata Atlântica do nordeste. In: CAMPANILI, Maura; PROCHNOW, Miriam (eds.). Mata Atlântica - uma rede pela floresta. RMA, Brasília, p. 149-151.

